

Mística da unidade, dimensões da espiritualidade ecumênica e da oração em comum entre todos os cristãos

Mystique of unity, dimensions of
spirituality ecumenical and of prayer
in common among all Christians

*Elias Wolff**

*Kevin Willian Kossar Furtado***

Resumo: O trabalho do movimento ecumênico pela unidade cristã possui uma dimensão que atua na sensibilidade para o restabelecimento da unidade: a espiritualidade ecumênica. O artigo trata dos elementos da mística da

* Doutor e mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG). Bacharel em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Professor do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Líder do grupo de pesquisa Teologia, Ecumenismo e Diálogo Inter-religioso, cadastrado no CNPq. Coordenador do Núcleo Ecumênico e Inter-religioso (NEIr) da PUCPR. Coordenador da Comissão Teológica do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC). E-mail: elias.wolff@pucpr.br.

** Doutorando em Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Mestre em Ciências Sociais Aplicadas e bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Editor associado da Caminhos de Diálogo - Revista Brasileira de Diálogo Ecumênico e Inter-religioso. Integrante do grupo de pesquisa Teologia, Ecumenismo e Diálogo Inter-religioso, cadastrado no CNPq. E-mail: kevin@aol.com.br.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – código de financiamento 001.

unidade e suas principais características: sua base trinitária, sua expressão como ato de fé, de conversão, de humildade e de sacrifício; das dimensões da espiritualidade ecumênica: a conversão, que se expressa na *metanoia* evangélica; o diálogo como tarefa de todos os cristãos; e o serviço orientado ao mundo e como testemunho à humanidade. Apresentam-se algumas iniciativas de oração em comum da história do cristianismo, o histórico da *Semana de Oração pela Unidade Cristã* (SOUC), as dimensões da prece em comum entre os cristãos na perspectiva de Paul Couturier: como prece universal, contemplativa e eficaz; e orientações sobre como viabilizar a oração em comum pela unidade.

Palavras-chave: Mística da unidade; Ecumenismo espiritual; Oração comum; Semana de Oração pela Unidade Cristã

Abstract: The work of the ecumenical movement for Christian unity has a dimension that acts in the sensibility for the restoration of unity: ecumenical spirituality. The article deals of the elements of the mystique of unity and its main characteristics: its trinitarian basis, its expression as an act of faith, conversion, humility and sacrifice; of the dimensions of ecumenical spirituality: conversion, which is expressed in evangelical metanoia; the dialogue as a task of all Christians; and the service oriented to the world and as testimony to humanity. Are presented some initiatives of common prayer of history of Christianity, the history of the Week of Prayer for Christian Unity, the dimensions of prayer in common among Christians in Paul Couturier's perspective: as a universal, contemplative and effective prayer; and guidelines on how to enable common prayer for unity.

Keywords: Mystique of unity; Spiritual ecumenism; Common prayer; Week of Prayer for Christian Unity

1. Introdução

O movimento ecumênico trabalha em prol da unidade cristã. Para além da reflexão teológica dos atores das igrejas que se dispõem ao diálogo, dos documentos e declarações conjuntas produzidas pelas igrejas, e dos

acordos institucionais, há uma dimensão do ecumenismo que toca diretamente na sensibilidade para o restabelecimento da unidade: a espiritualidade ecumênica e o seu maior produto – tido como a alma do movimento ecumênico –, a oração pela unidade.

A relevância de refletir sobre a unidade cristã através da espiritualidade ecumênica e da oração conjunta está na explicitação da potencialidade de como um recurso tão central e elementar da prática espiritual dos cristãos pode ser um elemento que colabore no trilhar da caminhada de superação das divisões e, ao mesmo tempo, servir ao mundo que, mesmo escandalizado com o pecado da divisão dos cristãos, enxerga no esforço pela unidade e no testemunho comum dos cristãos unidos em oração – enquanto a unidade plena não for completamente concretizada –, a base para o estabelecimento de uma força que pode atuar em diferentes frentes no serviço da humanidade.

O texto trata dos elementos da mística da unidade e suas principais características: sua base trinitária, sua expressão como um ato de fé, de conversão e de sacrifício; das dimensões da espiritualidade ecumênica: a conversão, como renúncia da autossuficiência humana e concentração em Cristo, que se expressa na *metanoia* evangélica; o diálogo, como tarefa de todos os cristãos; e o serviço orientado ao mundo e como testemunho à humanidade. Apresentam-se algumas iniciativas de oração em comum na história do cristianismo, o histórico da *Semana de Oração pela Unidade Cristã* (SOUC), as dimensões da prece em comum entre os cristãos na perspectiva de Paul Couturier: como prece universal, contemplativa e eficaz; e orientações sobre como viabilizar a oração em comum em prol da unidade cristã.

Enquanto método de produção, servimo-nos da pesquisa bibliográfica, baseada, sobretudo, na literatura histórico-teológica católica especializada no diálogo ecumênico, mais especificamente nas principais obras que perpassam pela mística da unidade, pelo ecumenismo espiritual e pela espiritualidade ecumênica.

O ecumenismo também se configura como um processo espiritual, na medida em que a espiritualidade se apresenta como elemento essencial, para além de um horizonte ou dimensão da unidade. Ser espiritual significa estar

receptivo à ação do Espírito Santo que harmoniza e agrega os seres humanos no Corpo de Cristo. O ecumenismo, antes de usar de estratégias, deve ser um tipo de espiritualidade, o que não significa fazer coisas, mas criar sentimentos, modos de ver a vida e realizar atitudes de base (WOLFF, 2018, p. 225).

O pensar teológico a respeito da unidade da Igreja precisa estar aberto ao Espírito, que ajuda a discernir os caminhos da unidade. O abrir-se ao Espírito faz entender que a unidade se configura como um dom acima de qualquer esforço humano deixado por Cristo à sua Igreja, o qual deve ser pedido em oração (UR 8). A teologia ecumênica se apresenta como orante (WOLFF, 2018, p. 226) e, no tocante à unidade, enraizada em cinco elementos de uma mística: com uma base trinitária, enquanto um ato de fé, de conversão, de humildade e de sacrifício.

2. Elementos da mística da unidade cristã

A primeira das cinco características capitais da mística da unidade cristã (WOLFF, 2018, p. 226-229) está em sua base trinitária (WOLFF, 2018, p. 226); a nascente da espiritualidade ecumênica está na Trindade. Cristo age, pelo seu Espírito, no seio da Igreja, para elevá-la à comunhão com Deus, como expressa João 17,20-23: “Quando for levantado da terra atrairei todos a mim.” Ao agir na vida dos cristãos, o Espírito alimenta o desejo pela unidade, de maneira que todos possam clamar *Abba*, Pai, pois se reconhecem como irmãos. A unidade chama à santidade. Isso implica uma apropriação que o Espírito realiza de cada cristão, tornando-o um em Cristo, integrante do Seu Corpo, a Igreja. Nessa lógica, a mística ecumênica tenciona um comportamento contemplativo da Trindade, permite o penetrar no Seu mistério mais profundo de comunhão, de modo a realizar o ser um com Ele, e capacita o viver profundamente o propósito divino da comunhão amorosa, conforme apresentado em Colossenses 1,19-20: “Pois n’Ele aprovou a Deus fazer habitar toda a plenitude e reconciliar por Ele e para Ele todos os seres, os da terra e os dos céus, realizando a paz pelo sangue de sua cruz.” Por extensão, o agir ecumênico representa um ato de amor, visto que “Deus é

amor” (1Jo 4,8) e, ao se entender que “nisso reconhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros” (Jo 13,34-35).

A segunda característica da mística da unidade cristã está em sua expressão como um ato de fé (WOLFF, 2018, p. 226-227). A certeza da unidade provém de uma sólida convicção de fé e confiança no Espírito de Deus. A fé abrange uma firme garantia de que a unidade dos cristãos se concretizará. As denominações cristãs são convocadas a rogar a Deus, sem cessar, para que o amor, a estima e a compreensão se desenvolvam e acabem com todas as barreiras postas na construção da unidade. Mesmo com os desafios existentes no caminho, as palavras de Cristo em João 14,12 devem estar sempre em perspectiva: “Eu garanto a vocês: quem acredita em mim, fará as obras que eu faço, e fará maiores obras que estas, porque vou para o Pai.” A fé se mostra na esperança que ensina a rogar pela unidade e na confiança de que o que se solicita na fé e na oração será dado.

O ato de conversão representa outra propriedade da mística da unidade (WOLFF, 2018, p. 227). O Espírito Santo, que gera o querer da unidade, direciona as igrejas e os cristãos à conversão interior, leva ao arrependimento comum e muda o comportamento que emperra as relações em prol da unidade. Outra característica da mística da unidade cristã, a atitude de humildade (WOLFF, 2018, p. 227-228), indica que a conversão demanda *kênosis*. O discipulado na unidade convida para um esvaziar-se da discórdia e insegurança interiores e convida à criação de um espaço de acolhida dentro de si, de “onde a realidade do outro pode ser ouvida, compreendida e apreciada.” (WOLFF, 2018, p. 227). Com base em 1 Coríntios 12,4-6 e 12,12-13, entende-se que a comunhão não representa uniformidade: “Existem dons diferentes, mas o Espírito é o mesmo; diferentes serviços, mas um só Senhor; diferentes modos de agir, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos [...] todos os membros do corpo formam um só corpo [...] todos fomos batizados num só Espírito para sermos um só corpo.” A conversão genuína torna o agir ecumênico um ato de reconciliação e perdão recíproco.

E, por fim, a conversão e a *kênosis* indicam que o comportamento ecumênico – ao pontuar a última qualidade da mística da unidade (WOLFF,

2018, p. 228) –, expressa um ato de sacrifício. A aspiração pela unidade proferida por Jesus ocorreu em um contexto de dor e entrega, feito na oração na última ceia. Esta oferta de Jesus avaliza a reunião de seus discípulos. Mesmo no fracasso, os discípulos da unidade vivem na esperança e na fé. Por isso, seus esforços não são vãos. A unidade dos cristãos cobra constantemente a prática do sacrifício que conduz, segundo as palavras de Efésios 4,1-3, que se viva “com toda humildade e mansidão, longanimidade, suportando-vos uns aos outros com amor, procurando conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz.”

Por essas razões, a mística ecumênica permite ver que as divisões atingem mais os aspectos acidentais e estruturais da Igreja, no que se refere à sua manifestação visível, estruturas de organização e estruturas doutrinárias, do que a sua essência. Em sua realidade mais profunda, no seu destino presente e eterno, na sua constituição humana e divina, na sua vocação temporal e eterna, a Igreja continua sempre *una* em Cristo. (WOLFF, 2018, p. 228, grifo do autor).

A Igreja se constitui como lugar da ação do Espírito que une todos os cristãos no amor do Pai por seu Filho. O Espírito possibilita que enxerguemos que a unidade da Igreja existe, ainda em sua essência, já que Cristo é um só e que pelo mesmo batismo todos os cristãos n’Ele se encontram ligados. Por mais que o enunciar da fé no presente se dê de forma “divergente, parcial e falha” (WOLFF, 2018, p. 228), todos os cristãos invocam o Deus uno e trino e admitem a Cristo como Senhor e salvador: aqui está a base para a unidade futura.

O ecumenismo compreende-se como “um processo espiritual, conduzido em fiel obediência ao Pai, seguindo o desejo de Cristo, sob a orientação do Espírito Santo.” O movimento ecumênico está alicerçado nos fundamentos da espiritualidade cristã e exige, para além de diplomacia eclesial, diálogo acadêmico, envolvimento social e cooperação pastoral, a consideração de outros elementos de santificação e verdade, produtos do Espírito Santo (KASPER, 2007, p. 10), o que nos possibilita tratar do ecumenismo espiritual e das dimensões de uma espiritualidade ecumênica.

3. Ecumenismo espiritual e dimensões da espiritualidade ecumênica

A espiritualidade ecumênica implica mudança do coração e santidade de vida mediante o apelo de Jesus à conversão. A reconciliação e a comunhão são possíveis quando os cristãos reconhecem a dor causada, em seu coração, sua mente e prece, pela ferida aberta da divisão, o que cria a consciência dos males provocados pelo orgulho, egoísmo, pelas polêmicas, condenações, pelo desprezo e presunção. Os cristãos são movidos a examinar suas consciências, reconhecer suas falhas e confiar no poder reconciliador do Evangelho. Conversão e renovação de mentalidade são centrais para iniciar o processo de cura das feridas abertas nos laços da comunhão cristã (KASPER, 2007, p. 10).

“Em lugar de combatermos um ao outro, não podemos dialogar, orar juntos, cooperar, cessar de opor-nos? Concretamente, precisamos buscar formas para os cristãos alcançarem a unidade a que os discípulos de Cristo são chamados (cf. Jo 17,21), a começar pelo respeito absoluto ao outro, aprendendo a amar um ao outro”. (CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS, 1999, p. 47).

Está na base da espiritualidade da comunhão reconhecer os irmãos e irmãs de fé, participar de suas alegrias e sofrimentos, reconhecer seus desejos e acolher suas necessidades, ver o que neles há de positivo e aceitá-los como dádiva divina (KASPER, 2006, p. 66). “Nenhum cristão sensível aos problemas da Igreja poderá negar a preciosa contribuição da corrente de pensamento e de ação conhecida pelo nome de ‘ecumenismo espiritual’ em favor da causa ecumênica em geral.” (SPINSANTI, 1989, p. 307).

A primeira ação para uma espiritualidade ecumênica está na aceitação da pluralidade das espiritualidades. Dentro das possibilidades, se faz necessário conhecê-las, apreciá-las e assimilá-las. “A espiritualidade ecumênica para que se sentem impelidas as igrejas não é redução ao mínimo denominador comum cristão, com que se perderiam as características

singulares das diversas confissões” (SPINSANTI, 1989, p. 308), visto que o Espírito “faz e permite a unidade na variedade” (BONATTI, 2000, p. 22).

O amor pelo outro precede a união. Mas isso, apenas, não basta. O amor se nutre do conhecimento para não cair em vago sentimentalismo. Assim, o conhecimento do outro forma parte importante da verdadeira espiritualidade ecumênica. Este conhecer não diz respeito somente à doutrina das outras igrejas (SPINSANTI, 1989, p. 308). “Uma igreja é mais do que um acervo de doutrinas; por isso, conhecer-se equivale a algo diferente de uma comparação de teses.” (SPINSANTI, 1989, p. 309). É preciso conhecer o espírito, a mentalidade, estudar a história e outros aspectos dos demais cristãos. Não se pode se aproximar da doutrina do outro como se fosse um problema a ser resolvido, mas, sobretudo, como aspecto do mistério da graça de Deus e da fidelidade humana a Cristo, presente na vida de outras igrejas. Com este pano de fundo delineado, Spinsanti (1989, p. 310-315) elenca os traços mais característicos da espiritualidade ecumênica sob três dimensões: conversão, diálogo e serviço.

A conversão que parte da espiritualidade ecumênica não se restringe à mudança dos costumes, mas está relacionada com o “fato religioso” que o grego do Novo Testamento chama de *metanoia*, que significa a renúncia da autossuficiência do homem e da busca de si, para uma mudança de foco para Deus, uma pronta disposição para cumprir sua vontade, uma modificação do modo de se pensar e a inversão da hierarquia de valores, sob a ótica da fé. “Neste nível, o ecumenismo apresenta-se como movimento espiritual em sua essência íntima: ‘espiritual’, ou seja, obra do Espírito. A *metanoia* não é produto da boa vontade do homem, e é preciso pedi-la na oração.” (SPINSANTI, 1989, p. 311).

O essencial da espiritualidade ecumênica está na renovação, reforma, conversão, santidade e comunhão com Deus, solicitadas daqueles que aceitam trilhar o caminho do ecumenismo. A conversão significa a concentração em Cristo. Isto está expresso na *metanoia* evangélica, uma mudança de rumo de vida para se seguir ao Jesus que chama; teologicamente, esta ação que deve impulsionar as igrejas receptivas ao ecumenismo se chama de “cristocentrismo”.

Garantir para Cristo a centralidade na doutrina, na pregação e na vida da Igreja constitui uma das obras mais significativas da espiritualidade ecumênica. A orientação cristocêntrica não é garantida através da repetição das fórmulas de fé cristã constituídas pelos concílios dos séculos IV e V consensualizadas entre diferentes confissões cristãs. As fórmulas de doutrina sobre Jesus Cristo como verdadeiro Deus e homem numa só pessoa devem servir de ponto de partida para a criação de uma nova compreensão sobre sua pessoa e obra. Todas as igrejas precisam responder com “honradez intelectual” a pergunta sobre quem é Jesus Cristo hoje (SPINSANTI, 1989, p. 311).

O diálogo, segunda dimensão da espiritualidade ecumênica, não se constitui como “atividade de especialistas”, um “luxo espiritual, privilégio de almas eleitas”, mas como tarefa de todos os cristãos, que os ensina as bases fundamentais da existência no Espírito. O diálogo, como espaço privilegiado, permite que o cristão se descubra como “nova criatura”, gerado pelo dom do Espírito Santo, que o ajuda no conhecer os passos que norteiam a experiência religiosa no seguir a Cristo. “A primeira característica do diálogo é seu caráter interpessoal. É encontro entre pessoas, baseia-se no reconhecimento do valor e da dignidade do outro como pessoa.” (SPINSANTI, 1989, p. 312). O escutar e o responder de maneira recíproca, o questionar e o deixar ser questionado e a disposição em acolher coloca os parceiros do diálogo em posição de igualdade.

A reciprocidade só existe quando posta na base da igualdade, o que não significa que o indiferentismo doutrinal seja uma condição para o diálogo. O que se espera, no entanto, é a abstenção de formulações de juízo sobre a “fidelidade” de cada qual ao evangelho e o reconhecimento mútuo, entre os interlocutores, do estar em Cristo em certa comunhão recíproca. A igualdade, na perspectiva do diálogo, significa que todos estão na mesma posição.

Para compreender o outro, é necessário ânimo bem disposto e atitude de simpatia e de disponibilidade. Quem não renuncia à atitude de poder e de [autoafirmação] jamais chegará a estabelecer verdadeiro encontro. E não se deve banalizar esta exigência do diálogo, pensando que se trata, no fundo, apenas de um pouco de boa vontade de um lado e de outro. A esta

disposição espiritual só se chega mediante a oferta de si mesmo ao Espírito de Deus, o único que pode mudar de cunho a tendência natural do homem de referir tudo a si. Só a *metanoia* [...] eixo básico da espiritualidade ecumênica, torna possível a transformação interior, indispensável para encontrar o outro como outro. (SPINSANTI, 1989, p. 312).

Um dos resultados da renovação espiritual de conversão está no abandono da apologética prepotente – quando do diálogo –, que tende a encobrir as culpas e equívocos da própria Igreja e por em evidência os erros das outras. Reconhecer as próprias culpas faz parte da espiritualidade ecumênica. O diálogo ecumênico compõe a escola de conversão por excelência. De um lado, o diálogo cobra a conversão como condição prévia ao encontro do outro em sua verdade. De outro, é justamente no diálogo que se aprende em que consiste precisamente a conversão, a qual demanda aproximação do outro e a renúncia de colocar a si, sua Igreja, teologia e espiritualidade, como parâmetro de comparação (SPINSANTI, 1989, p. 312).

O conhecimento do outro, obtido através do diálogo, coloca o crente na dimensão do crescimento, no que também o diálogo se posta como antítese da polêmica.

Na polêmica, atribui-se preconceitosamente ao próprio pensamento a qualidade de ser justo. Por isso, nunca se percebe nos participantes da polêmica algum esforço para superar o pensamento próprio. Em compensação, o diálogo orienta-se para o futuro aberto. Demolindo preconceitos e desmanchando clichês, permite que se adquiram melhores informações sobre o outro: sobre sua fé, sobre suas tradições, sobre suas riquezas de vida cristã. (SPINSANTI, 1989, p. 313).

Além disso, o diálogo propicia um melhor conhecimento de si mesmo. O conhecer o outro e o saber melhor de si oportunizam as igrejas caminhar para a perfeição. “A igreja que corresponde ao desejo de unidade de Cristo será diferente das imagens historicamente condicionadas que agora conhecemos.” A unidade cabal se avizinha como dom que apenas Deus concederá, no modo e na hora que ele queira. Porém, o conhecimento mútuo

amadurecido que diálogo possibilita “faz progredirem as igrejas na participação deste mistério de unidade.” (SPINSANTI, 1989, p. 313).

Em relação à terceira dimensão da espiritualidade ecumênica, aos cristãos se empenharem por conta da conversão, reforma, oração comum e diálogo, a realizar a unidade da Igreja; não o fazem por comodidade ou conforto espiritual. A unidade da Igreja está orientada para o mundo, enquanto testemunho e serviço ao homem. Quando reflete sobre a oração de Jesus, o movimento ecumênico coloca em pauta, em primeira perspectiva, os conceitos de *martyria* (testemunho) e *dikonia* (serviço), como alvo inerente dos trabalhos em prol da unidade. Nesse sentido, o ecumenismo, por natureza, tende a se expressar por meio de ações e sinais visíveis. Muitos cristãos indagam que no ecumenismo se fala muito em detrimento da ação. Há um conjunto de objetivos no âmbito da confissão comum de fé e da cooperação social que poderiam ser realizados em conjunto, mesmo no presente cenário de divisão entre as igrejas.

A confissão de fé é testemunho dado através da palavra. Os conteúdos de fé comuns a todos os cristãos – mistério trinitário, encarnação salvífica, esperança escatológica do reino – são os mais fundamentais; são aqueles cujo “nexo com o fundamento da fé cristã” é mais estreito. No testemunho comum da fé, cabe à Escritura lugar privilegiado. A tradução e a difusão comum da Bíblia constitui esforço prático primordial comum a todos os cristãos. (SPINSANTI, 1989, p. 314).

A tradução comum da Bíblia representa uma oportunidade singular à pastoral ecumênica. Já no campo social, a cooperação forma outro modo de testemunho da fé única que liga os cristãos entre si não tendo em conta as divisões confessionais. Os cristãos desempenham de maneira mais satisfatória o compromisso em prol dos irmãos mais oprimidos e necessitados quando prestam serviço sem estarem confessionalmente divididos, mas aliados em um trabalho comum. Dessa forma, a Igreja atua como comunidade de serviço que trilha o caminho do Cristo. Em seguindo seus caminhos, os cristãos se

aproximam de modo recíproco, e se deparam com uma unidade que as divergências de doutrina não admitiriam supor (SPINSANTI, 1989, p. 314-315).

Em relação ao serviço, “fica difícil fazer sugestões concretas de validade universal. É de preferência a nível local que se deve distinguir e detectar as necessidades e propor os objetivos a serem alcançados por meio da cooperação, proporcionalmente à maturidade ecumênica atingida em cada lugar.” (SPINSANTI, 1989, p. 315). Assim, são nas igrejas locais que se especificam e se concretizam as orientações ecumênicas da Igreja universal.

Concentrarmo-nos em uma das ações mais reconhecidas da espiritualidade ecumênica, a *Semana de Oração pela Unidade Cristã*. A oração pública pela unidade, juntamente com a conversão do coração e a santidade de vida, são consideradas a alma do movimento ecumênico e designadas ecumenismo espiritual (UR 8).

4. Por uma consciência em torno da unidade: a semana de oração pela unidade dos cristãos

Por ser dom do Espírito Santo, não podemos concretizar a unidade; por ela conseguimos apenas pedir (KASPER, 2006, p. 65). “Nós não podemos ‘fazer’ o ecumenismo, não o podemos organizar ou forçá-lo com violência. A unidade é um dom do Espírito Santo de Deus. [...] O Espírito de Deus, que iniciou a obra da unidade, também a conduzirá até ao final, uma unidade, não como nós a queremos, mas como Ele a quer.” (KASPER, 2016, p. 50).

Se a unidade é um presente, importa aos cristãos orarem conjuntamente para recebê-la. A oração pela unidade direciona o olhar para o Reino de Deus e para a unidade da Igreja de outra forma, a estabelecer laços de comunhão e permite enfrentar, de forma corajosa, as memórias negativas e o peso das fraquezas humanas e sociais. “Em todas as fases da história, os principais construtores da reconciliação e da unidade são pessoas de oração e contemplação, que inspiram os cristãos divididos a renovarem o compromisso de trilhar o caminho da unidade.” (KASPER, 2007, p. 10).

A semana de oração pela unidade cristã mobiliza, todos os anos, o mundo cristão “que põe diante de seus olhos a responsabilidade de todos os cristãos em face da unidade e diante do mundo, que continua estupefato, e até escandalizado, com suas divisões. A semana faz compreender que nenhuma confissão tem o direito de se aproveitar da infelicidade da ruptura.” (SPINSANTI, 1989, p. 307).

Todavia, orar apenas não basta; é preciso orar bem. Assim sabiam os discípulos que pediram que Jesus que os ensinasse a orar (cf. Lc 11,1). Eles não buscavam uma melhor fórmula de oração, mas um “espírito”, tal como o viam na vida e oração de Jesus, que era diferente do “espírito” deles. “Os cristãos [oraram] muito pela unidade da Igreja. Mas, com frequência, [oraram] mal. E [oraram] mal porque viviam mal sua referência a Cristo.” (SPINSANTI, 1989, p. 308).

Resulta da oração conjunta um impulso a estabelecer compromissos mais amplos com os outros cristãos do que apenas orar, pois o ecumenismo espiritual, enquanto busca da unidade, é chamado à superação (SPINSANTI, 1989, p. 308). Assim, a “espiritualidade ecumênica leva a descobrir que o ecumenismo não é algo opcional para os cristãos, mas uma dimensão essencial da vivência da fé.” (RIBEIRO, 2002, p. 62).

A vontade de reunir cristãos de diferentes tradições eclesiais para orar pela unidade da Igreja “não tem uma longa história” (NAVARRO, 1995, p. 114); foi no século XIX que surgiram as primeiras ações de prece comum entre cristãos. Por volta de 1840, o sacerdote católico Ignatius Spencer solicitou a John N. Newman e ao doutor Pusey, em Oxford, que elaborassem um *Plano de oração para a união*. Decorreu disso a criação da Association for the Promotion of the Unity of Christendom, em 1857, que reunia anglicanos, católicos e ortodoxos gregos. Em 1864 Roma proíbe católicos de participar do grupo. Outra iniciativa no sentido de promover a prece comum, referida por Navarro, ocorre em 1906, quando o arcebispo de Cantuária, os moderadores da Igreja da Escócia – presbiteriana –, e da Igreja Unida Livre convidam as comunidades locais de suas igrejas a orar, com perseverança, pela unidade cristã (NAVARRO, 1995, p. 114).

De perspectiva eminentemente protestante, Navarro aponta que a semana de oração da Aliança Evangélica, de 1846, caráter missionário e espírito nitidamente anticatólico.

[...] uma prece que busca a conversão dos “outros” e o regresso à própria Igreja, ou que recusa a participação de alguns cristãos por sua pertinência eclesial específica, dificilmente pode ser assumida pelo conjunto das igrejas. Por tudo isso, as expressões de oração comum em favor da unidade cristã tiveram vida linguída até que [...] Paul Couturier [...] intui uma nova concepção da prece pela unidade. (NAVARRO, 1995, p. 114-115).

Antes de tratar do papel de Paul Couturier na consolidação da semana, referimo-nos a algumas iniciativas de oração empreendidas na história recente do cristianismo. Hortal (1996, p. 256-257) considera a semana de oração pela unidade cristã como iniciativa de maior destaque no âmbito da prece comum. Ele situa que foi de Leão XIII a primeira iniciativa de estabelecer uma novena de orações pela unidade cristã, nos dias entre a Ascensão e o Pentecostes para “acelerar a obra de reconciliação dos irmãos separados” (NAVARRO, 1995, p. 114). Em 1908, os anglicanos Spencer Jones e Lewis Thomas Wattson organizaram, pela primeira vez, uma oitava de orações pela unidade, a ser celebrada de 18 a 25 de janeiro – cujos marcos então na festa da Cátedra de São Pedro em Roma e no dia da conversão de São Paulo. O intuito dos jovens foi unir as características mais significativas do catolicismo e do protestantismo: a autoridade doutrinária de Pedro e a liberdade cristã anunciada por Paulo. Posteriormente Wattson, mais conhecido como frei Paul James Francis Wattson, nome que passou a usar na Congregação dos Frades Franciscanos da Reconciliação, por ele fundada, se uniu de modo pleno à Igreja católica romana, onde difundiu a devoção dos oito dias de oração pela unidade. O que se propunha era uma oração pela unidade sob a Santa Sé, que não encontrava muita ressonância entre os protestantes e ortodoxos.

O “octavário” era concebido como uma espécie de cruzada espiritual pela conversão dos [não católicos]. A perspectiva era explicitamente a do “retorno” de todas as ovelhas desgarradas ao único redil de Pedro. Dia após

dia, os católicos rezavam pela “conversão” e pelo “retorno” de todos os cristãos dissidentes, bem como pela “conversão” dos muçulmanos, dos pagãos e dos judeus. Evidentemente tal oração não podia ser oração verdadeiramente ecumênica, no sentido de ser oração de todos os cristãos; não podia unir-se a ela aqueles cuja conversão se pedia. O sacerdote Couturier revolucionou a semana de oração, libertando-a da perspectiva de controvérsia e de proselitismo, sem por isso cair no indiferentismo temido pelo magistério. [...] Couturier proclamava necessidade de que a oração, para ser verdadeiramente ecumênica, assegurasse um espírito com que todos os cristãos se sentissem à vontade (SPINSANTI, 1989, p. 306).

Já em 1926, o movimento Fé e Constituição apelou para uma semana de oração pela unidade no período precedente ao Pentecostes, coincidindo, então, com a novena de Leão XIII (HORTAL, 1996, p. 256-257). “Spencer Jones funda, em 1921, a Church Unity Octave Council com uma finalidade muito definida: orar pela ‘união corporativa’ das duas igrejas, a de Roma e a da Inglaterra, e não pelas conversões individuais.” (NAVARRO, 1995, p. 114).

Foi o padre francês Paul Irénée Couturier que conseguiu reunir os cristãos de diferentes denominações em torno de um objetivo comum na oração. Ele começa a divulgar uma ideia de semana da unidade em 1935, através da seguinte fórmula: “Que chegue a unidade do Reino de Deus, tal como Cristo a quer e pelos meios que ele quiser!” Assim, ao invés de propor um simples retorno ao catolicismo, Paul conclamava os cristãos a se disporem, por completo, ao Senhor, na busca pela unidade. Dessa forma, integrantes de diferentes confissões cristãs puderam se reunir, em prol de um mesmo objetivo, sem renunciar às suas convicções eclesiológicas (HORTAL, 1996, p. 257).

Ao apresentar pela primeira vez seu modelo de prática de oração universal, em dezembro de 1935, em artigo na *Revue Apologétique*, Couturier “traça as grandes linhas para que a prece possa ser compartilhada *por todos* os cristãos e *por todas* as igrejas.” (NAVARRO, 1995, p. 115, grifos do autor).

Couturier foi cativado pela oração dos emigrantes russos que chegavam a Lyon depois da revolução bolchevique de 1917. O sacerdote os acolheu, ajudou e facilitou a estes cristãos de confissão ortodoxa o acesso a

lugares em que eles pudessem realizar seus ritos litúrgicos. Tal situação desperta em Couturier uma intuição do mistério da unidade por meio de uma prece comum que o leva a estabelecê-la em três dimensões: a universalidade, a contemplação e a eficácia.

A prática da oração pela unidade, no sentido que lhe deu o sacerdote Couturier, foi um dos elementos que em maior escala vêm contribuindo para difundir em todos os níveis do povo cristão a repulsa pelo “eclesiocentrismo”. As igrejas deixaram de se considerar como centro do universo religioso e de medir as outras com sua própria medida. Colocaram Cristo no centro e, ao se medirem segundo sua graça e suas exigências, constataram serem todas elas deficientes. Finalmente, ao ecumenismo espiritual devemos o aprofundamento da própria [ideia] da unidade da Igreja. A unidade da Igreja como “mistério”, e não como “problema”; a unidade dos cristãos como participação da unidade trinitária (SPINSANTI, 1989, p. 307).

A partir de 1958 os materiais pela semana da unidade cristã passam a ser preparadas, em conjunto, pela Comissão Fé e Constituição e pelo Secretariado para a Unidade dos Cristãos, que encarregam a responsabilidade da primeira redação dos textos a um grupo ecumênico de um país diferente em cada ano (HORTAL, 1996, p. 257).¹

5. Dimensões da prece comum na perspectiva de Couturier

A oração em comum se afasta da concepção do pensar a unidade dos cristãos a partir das divergências de doutrinas e institucionais. Embora

¹ Atualmente, a Semana de Oração pela Unidade Cristã é promovida mundialmente pelo Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos e pelo Conselho Mundial de Igrejas. Ela acontece em dias diferentes nos dois hemisférios. No norte, o período tradicional vai 18 a 25 de janeiro; no sul, no período de Pentecostes.

necessitemos de convicções particulares e não precisemos deixar de ser fiéis à nossa confissão eclesial,

quando nos aproximamos da oração de Cristo, adquirimos consciência de que sua intenção supera tudo o que nós, individual e eclesialmente, possamos pensar. Por conseguinte, a oração ecumênica não pode pedir a redução dos outros à nossa unidade, mas, sim, que Deus realize “a unidade que queira através dos meios que queira”. Esta fórmula concisa resume melhor do que qualquer outra o dinamismo que a oração do sacerdote Couturier soube imprimir à concepção ecumênica da unidade da Igreja. [...] A reabsorção das divisões só ocorrerá quando os cristãos, avançando paralelamente ao encontro do Senhor, numa conversão progressiva, e estimulados por contatos recíprocos, tenham entrado plenamente na oração do próprio Cristo pela unidade de sua Igreja.” (SPINSANTI, 1989, p. 307).

Para Couturier, a primeira dimensão da oração comum é a de ser uma prece universal. Trata-se do possibilitar que a oração seja compartilhada entre todos os que creem em Cristo e suas respectivas comunidades, em orações feitas a partir de lugares comuns e espaços compartilhados, que propiciam aos cristãos se apresentarem enquanto testemunhas fiéis da boa nova de Jesus (NAVARRO, 1995, p. 115). “A oração em conjunto parece indispensável para um testemunho comum. Como podemos testemunhar juntos se não oramos juntos? Orar em conjunto já é um testemunho comum.” (CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS, 1999, p. 74).

Couturier entendia que, no estado de divisão dos grupos eclesiais, nenhuma oração “confessional” uniria e congregaria de forma unânime os cristãos envolvidos, por séculos, em divergências. Funda-se a prece ecumênica na compreensão de que nem mesmo as divisões eclesiais acabaram com a realidade primeira e fundamental recebida no batismo. Há quem expressou a existência de uma espécie de caráter “anteconfessional” do orar ecumênico, visto que os cristãos se unirem em prece tem muito mais profundidade do que necessariamente aquilo que os separa (NAVARRO, 1995, p. 115).

A acertada fórmula de Conturier – orar pela “unidade que Deus quiser” para “o tempo e pelos meios que ele mesmo desejar” – descarta desde o princípio qualquer tentativa, por parte de uma Igreja, de propor de antemão às outras as próprias convicções sobre a unidade ou as estratégias e meios para alcançá-la. Nesse sentido, fala-se de uma “prece incondicional”. Não há condições prévias. Deixa-se tudo nas mãos de Deus. Trata-se da tentativa de comunhão de *todos* os cristãos com a vontade salvífica e universal de Deus, “cujos caminhos não são nossos caminhos”. É como o abandono em sua vontade libérrima, que a tudo transcende, inclusive nossas convicções confessionais. (NAVARRO, 1995, p. 115, grifos do autor).

A oração ecumênica mina os julgamentos sobre os outros modos de vivenciar o cristianismo e se coloca como aposta a toda forma de proselitismo ou “prepotência eclesial”. Portanto, a oração em comum se contrapõe à posição eclesiológica que buscava o retorno de todos os cristãos a uma mesma Igreja. Essa oração conduz ao entregar-se de maneira confiante à oração de Jesus Cristo apresentada em João 17 (NAVARRO, 1995, p. 115).

A segunda dimensão da oração comum estabelecida por Conturier é a de ser uma prece contemplativa (NAVARRO, 1995, p. 116), em que a ação de orar juntos expressa a unidade dada, ao mesmo tempo em que se configura como prenúncio expectante da unidade esperada. Por tais coisas, a prece ecumênica se apresenta enquanto contemplativa e introduz no mistério da unidade tal como é visto, por excelência, em João 17.

Tudo o que os cristãos podem realizar no nível do mistério da oração é “tornar sua” a prece de Jesus Cristo. Isto é, rastrear a “oração sacerdotal” em que Jesus manifesta seus desejos de cumprir a vontade do Pai em obediência [...]; de ser glorificado [...]; e de interceder por seus discípulos e pelos futuros fiéis para que gozem da mesma unidade que existe entre o Pai e o Filho (NAVARRO, 1995, p. 116).

A tomar para si da prece de Cristo leva o cristão a se arrepender do pecado da divisão e ao abandono do orgulho das particularidades confessionais. Não obstante, a oração de Cristo aconselha à confiança e espera do cumprimento da vontade divina que não falha. Não são postas, portanto,

fórmulas previamente conformadas de como fazer. A postura orante dos cristãos e das igrejas tem reflexo na certeza de que Deus mesmo agirá no tempo. Apenas quando se vivencia o mistério é que se percebe sua voz. A Igreja, por isso, não tem seus caminhos programados, mas vai os descobrindo, quando se deixa guiar pelo Espírito Deus e, assim, sua oração chegue aos níveis de contemplação (NAVARRO, 1995, p. 116-117).

O terceiro aspecto da oração comum levantado por Couturier é a do seu senso de prece eficaz. Ao se ter em vista que o contemplar não significa negligenciar a história, a prece comum tenciona a pensar novas perspectivas e formas de todas as coisas com o intuito de reformulá-las conforme o plano de Deus, o que leva a pensar no valor perene das palavras e atos de Jesus. Tudo o que ele desejou e fez pela salvação humana foi completado. A própria vida de Jesus se constitui enquanto fonte de vida, e não apenas exemplo de conduta. Assim, os cristãos não compreendem os ditos e feitos de Jesus apenas como coisa do passado. Sua história não se encerra; ela se recria, torna-se contemporânea. Jesus não é apenas mestre que edifica e ensina, ele é Messias que dá vida abundante (Jo 10,10); não é apenas caminho e verdade, mas também vida (Jo 14,6; 3,15) (NAVARRO, 1995, p. 117).

6. Viabilizar a oração em comum

O centro da oração ecumênica não deve ser o cristão em si, mas o próprio Cristo; de modo mais específico, a oração de Cristo pela unidade. O Cristo orante, o da oração sacerdotal, é aquele em quem todos os cristãos podem se encontrar. Couturier tenciona para uma mudança no modo de orar; não mais pela volta dos “outros”, e sim pela “santificação” de todos (SPINSANTI, 1989, p. 306).

O problema ecumênico, reduzido à sua essência, consiste em que todos nos aproximemos mais de Cristo mediante a conversão do coração, fiéis ao conhecimento de Cristo [...]. Todo discípulo de Jesus pode entrar nesta oração, que se torna, então, verdadeiramente universal, ecumênica,

deixando de ser proselitismo mascarado. E esta oração convergente e unânime já começa, apesar das divisões, a realizar o milagre da unidade. (SPINSANTI, 1989, p. 306-307).

Navarro aponta para a necessidade de afirmar que a prece pela unidade feita a partir de “lugares comuns” e de “espaços compartilhados” gerou frutos para além das expectativas.

Quem tem experiência ecumênica, inclusive em níveis doutrinários, sabe que a “oração comum” não apenas derrubou muralhas de incompreensões e rancores entre cristãos como fez chegar os orantes a graus mais profundos em termos da problemática teológica, graus que dificilmente teriam sido atingidos por meio da investigação teológica isolada. (NAVARRO, 1995, p. 118).

Para Hortal, é preciso que na comunhão da vida e nas atividades espirituais das diferentes confissões cristãs exista uma reciprocidade para se crescer na busca pela unidade. “Infelizmente, [...] nem sempre essa reciprocidade é possível, gerando assim novos obstáculos à comunhão. Aliás, a reciprocidade, para manifestar uma comunhão autêntica, deve dar-se em nível de comunidades eclesiais e não só de indivíduos.” (HORTAL, 1996, p. 254).

Hortal (1996, p. 254-255) entende que a consciência da unidade em Cristo impulsiona os cristãos a viverem de modo comum a relação com o Pai. Dessa forma, as preces em comum são eficientes em colaborar para a graça da unidade e uma manifestação real dos laços que unem todos os cristãos. Recomenda-se a oração em comum quando cristãos de diferentes confissões se associam em atividades comuns em que se há a possibilidade de colaboração mútua, como para promover a paz, a justiça social, a caridade, a dignidade da família, entre outras afins. Todavia, ele defende que a oração comum deveria, primeiro, objetivar o restabelecimento da unidade dos cristãos. “Pode ela centrar-se, por exemplo, no mistério da Igreja e da sua unidade, no batismo como vínculo sacramental da unidade, ou ainda na renovação da vida pessoal e comunitária como caminho necessário para chegar à unidade.” (HORTAL, 1996, p. 255). Hortal recomenda esta oração,

sobretudo, durante a semana de oração pela unidade cristã ou no período entre a Ascensão e o Pentecostes.

Orienta-se que a oração comum deva ser preparada em acordo conjunto e colaborativo entre os representantes de igrejas, comunidades eclesiais e outros grupos que o desejarem. De praxe, são distribuídas as atribuições de cada qual e escolhidos os temas, as leituras bíblicas, os hinos e as orações da celebração. Outra sugestão posta é de que a celebração inclua leituras, orações e hinos que expressem aquilo que se apresenta comum em relação a todos os participantes no que tange à fé e à vida espiritual, de modo a fazer progredir a aceitação mútua e a unidade (HORTAL, 1996, p. 255).

Recomenda-se que a experiência de oração partilhada se amplie – mediante as circunstâncias e direção de pessoas que possuam a formação apropriada – a momentos mais prolongados, como em retiros e exercícios espirituais, de modo a aprofundar a vida espiritual comum. Não obstante, necessita-se, nesses casos, ter cuidado com possíveis divergências doutrinárias que possam surgir, de modo a evitar proselitismos e ofensa à sensibilidade dos irmãos participantes. Por mais que a igreja ou templo seja o espaço por excelência onde cada comunidade celebra rotineiramente sua liturgia, nada impede que as celebrações comuns ocorram no templo de uma ou outra das confissões participantes, mediante o consentimento de todos. De todo modo, tal escolha precisa agradar os celebrantes e favorecer a devoção. Também com base no contexto e com a aprovação de todos os envolvidos, aqueles que desempenharem uma função durante uma celebração comum podem usar as insígnias ou vestes litúrgicas inerentes de sua tradição (HORTAL, 1996, p. 256).

No todo do se pensar a espiritualidade ecumênica, não podemos esquecer a existência de certos questionamentos críticos ao ecumenismo espiritual e à sua terminologia (SPINSANTI, 1989, p. 308). Há os que avaliam ser abusivo monopolizar o termo “espiritual” para certas atividades da convenção ecumênica, visto que todo o ecumenismo é “espiritual” por ser fruto do Espírito. Por exemplo, as atividades de entidades ecumênicas não deixam de ser menos “espirituais” do que a semana de oração pela unidade. Esta, em específico, se tornou uma prática de piedade habitual, que “pode ser

que seu próprio êxito tenha levado a restringir o alcance do ecumenismo e a reduzi-lo a uma prática de piedade a mais”. Tais considerações não tem o intuito de nulificar o “ecumenismo espiritual”, nem de negar a centralidade da oração na vida cristã. O cuidado é de evitar que a expressão seja restritiva. Em contrapartida, positivamente, Spinsanti afirma que, no tocante à oração, os cristãos passaram a ter uma compreensão mais profunda, mais “espiritual”, mais consoante com o Espírito de Jesus e de sua própria existência.

7. Considerações finais

A espiritualidade serve ao ecumenismo como dimensão da unidade e, mais do que isso, como processo espiritual, na medida em que está aberta ao agir do Espírito Santo que gera harmonia e a comunhão da humanidade com Cristo. Considera-se que o ecumenismo deve ser uma espiritualidade porque ele se reduz a fazer coisas, mas criar sentimentos e aguçar a sensibilidade para com a causa da unidade, que não pode ser concretizada por qualquer esforço humano, por ser dom dado por Cristo para a Igreja, que deve ser pedido em oração.

O ecumenismo, como um tipo de espiritualidade, carrega uma mística que possui base trinitária. A espiritualidade ecumênica está na Trindade, em que Cristo atua na Igreja, pelo Espírito, para conduzi-la à comunhão com Deus. Por sua ação na vida dos cristãos, o Espírito alimenta o desejo pela unidade e faz com se reconheçam como irmãos. A mística ecumênica leva a um comportamento contemplativo da Trindade e permite o penetrar no Seu mistério mais profundo de comunhão. A certeza da unidade está na convicção de fé e confiança no Espírito de Deus. A fé garante que a unidade cristã se concretizará. O Espírito Santo leva as igrejas e os cristãos à conversão interior, ao arrependimento comum e muda os comportamentos que obstaculizam as relações em prol da unidade. A consciência da necessidade de conversão como Igreja e cristãos estimula ações que buscam superar as atuais divisões. Enquanto ato de humildade, a conversão demanda *kênosis*. A conversão e a *kênosis* expressam um ato de sacrifício.

A espiritualidade ecumênica gera mudança do coração e santidade de vida mediante o apelo de Jesus à conversão. A reconciliação e a comunhão são possíveis quando os cristãos reconhecem a dor causada, em seu coração, sua mente e prece, pela ferida aberta da divisão. Em lugar da divisão, surge o diálogo, a cooperação e a oração conjunta.

A conversão que parte da espiritualidade ecumênica, a *metanoia*, não muda apenas costumes, mas provoca a renúncia da autossuficiência. O essencial da espiritualidade ecumênica está na renovação, reforma, conversão, santidade e comunhão com Deus. A conversão significa a concentração em Cristo. O diálogo se apresenta como tarefa de todos os cristãos, que os ensina as bases fundamentais da existência no Espírito. Querer escutar e responder reciprocamente, questionar e deixar ser questionado, e a disposição em acolher, deixam os parceiros do diálogo em posição de igualdade. A unidade da Igreja está orientada para o mundo, enquanto testemunho e serviço ao homem. Quando reflete sobre a oração de Jesus, o movimento ecumênico coloca em pauta a *martyria* (testemunho) e *dikonia* (serviço) como alvo inerente dos trabalhos em prol da unidade. O ecumenismo, por natureza, tende a se expressar por meio de ações e sinais visíveis.

Um dos sinais mais visíveis da espiritualidade ecumênica está na oração comum. A unidade, enquanto dom, não pode ser completada por nós. Todavia, cabe aos cristãos rogar em conjunto para recebê-la. Orar pela unidade permite estabelecer laços de comunhão entre os cristãos e o leva a enfrentar as memórias negativas de uma história de divisões. A semana de oração pela unidade mobiliza os cristãos a testemunhar contra o escândalo da divisão e a responsabilidade de todos os seguidores de Cristo pela unidade. Urge aos cristãos resgatar, como referência, o espírito da vida e oração de Jesus para que, ao se orar pela unidade, se ore bem, para que o mundo veja, enquanto a unidade plena não for estabelecida, conforme a vontade do Espírito, o potencial que os cristãos unidos têm em trabalhar para colaborar na resolução dos problemas da humanidade.

Bibliografia

BONATTI, Mário. *Jesus nos quer unidos*. Ministério da unidade dos cristãos no novo milênio. São Paulo: Loyola, 2000.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Decreto Unitatis redintegratio*: sobre o ecumenismo. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2005.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS. *Diálogo católico-pentecostal: evangelização, proselitismo e testemunho comum*. Relatório sobre a quarta fase (1990-1997) do diálogo internacional entre a Igreja católica romana e as igrejas pentecostais tradicionais, bem como outros responsáveis pentecostais. São Paulo: Paulinas, 1999.

HORTAL, Jesús. *E haverá um só rebanho*. História, doutrina e prática católica do ecumenismo. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

KASPER, Walter. *Guia para uma espiritualidade ecumênica*. São Paulo: Paulinas, 2007.

_____. *Martinho Lutero*. Lido em chave ecumênica 500 anos depois. Prior Velho: Paulinas, 2016.

_____. *O sacramento da unidade: eucaristia e Igreja*. São Paulo: Loyola, 2006.

NAVARRO, Juan Bosch. *Para compreender o ecumenismo*. São Paulo: Loyola, 1995.

RIBEIRO, Sandra Ferreira. *Ecumenismo: simples tolerância ou um estilo de vida?* Vargem Grande Paulista: Cidade Nova, 2002.

SPINSANTI, Sandro. Ecumenismo espiritual. In: FIORES, Stefano de; GOFFI, Tulio (Orgs.). *Dicionário de espiritualidade*. São Paulo: Paulinas, 1989. p. 304-315.

WOLFF, Elias. *Caminhos do ecumenismo no Brasil: história, teologia, pastoral*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Paulinas/Paulus; São Leopoldo: Sinodal, 2018.

Recebido em: 27/05/2018

Aprovado em: 12/11/2018